

Eleitor não sabe, mas o 2º turno já começou

RENATO FALEIROS

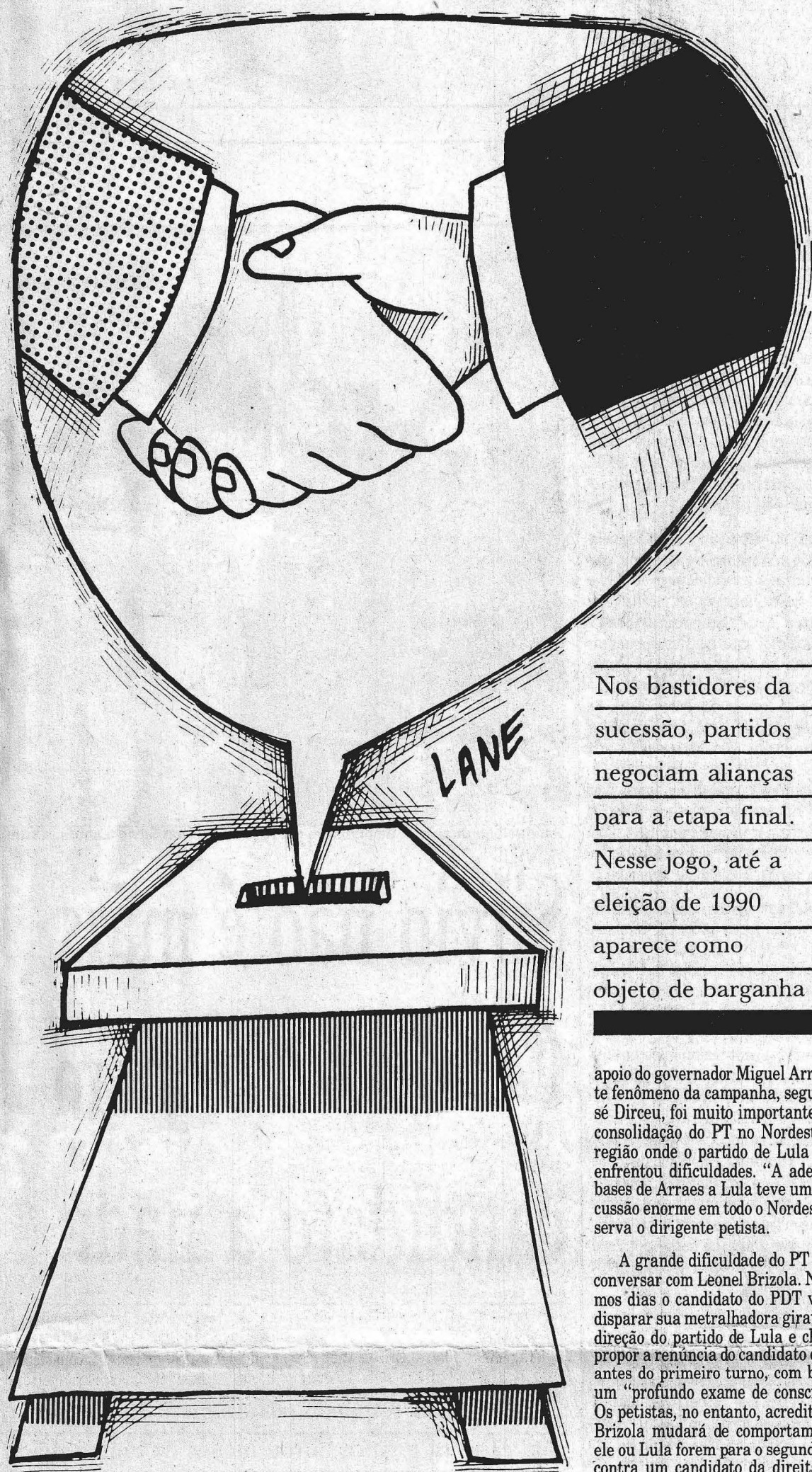
de São Paulo

As negociações partidárias para o segundo turno começaram discretamente nesta semana e devem ser intensificadas depois do julgamento da candidatura Silvio Santos. Apesar da troca de ataques, os principais candidatos já deram sinal verde aos seus assessores políticos para, pelo menos, abrirem as conversações. Vários encontros aconteceram em São Paulo desde o final do debate promovido pela TV Bandeirantes, no domingo passado.

No PDS, por exemplo, o candidato Paulo Maluf passou a dedicar atenção especial aos passos do apresentador Silvio Santos, esperando o apoio dele no caso da impugnação pela Justiça Eleitoral. Teoricamente, o eleitorado de Afif Domingos em São Paulo seria, também, propenso a aderir a Maluf, mas a recuperação do candidato do PDS, na avaliação de seus próprios assessores políticos, está agora na dependência de um gesto de apoio de Silvio Santos.

Maluf desabou nas pesquisas com a entrada do apresentador em cena, mas mantém uma base eleitoral nada desprezível no Estado de São Paulo. O sonho do segundo turno é que ficou mais distante nas últimas duas semanas. Por isso, o eleitorado de Maluf em São Paulo, também, passa a ser disputado por Fernando Collor. Ele e Maluf jamais se atacaram durante a campanha eleitoral e há indícios de que os dois já se encontraram pelo menos duas vezes no segundo semestre. Maluf não hesitaria em apoiar Collor se o concorrente dele no segundo turno fosse um candidato da esquerda. Esse apoio estaria condicionado à campanha para o Governo do Estado no ano que vem: é certo que Maluf será candidato em São Paulo mais uma vez.

Quércia — Collor também já buscou outra espécie de apoio em São Paulo. O candidato do PRN manteve contatos com o governador Orestes Quércia, mas estes não prosperaram. Quércia está cada vez mais próximo de um apoio a Leonel Brizola e chegou a discutir a concretização dessa aliança ainda no primeiro turno da eleição. Foi numa conversa com o vice-governador Almino Afonso durante esta semana. A campanha do PMDB, praticamente, acabou. Os comitês eleitorais na Capital e no interior de São Paulo estão quase de-



sativados, apesar do apoio de Quércia a Ulysses Guimarães desde o início da campanha. Não se discute mais, entre os líderes do partido em São Paulo, qualquer tipo de esforço ou jogada final para esta eleição. Quércia e seu grupo emergem da campanha como herdeiros de uma parcela importante da máquina do PMDB, mas ainda não está claro o destino que darão ao partido.

Por causa do domínio de Quércia no PMDB paulista é que os “tucanos” não conseguiram as adesões que esperavam no partido de origem em São Paulo. As tentativas continuam. Covas chegou a promover uma ofensiva junto a prefeitos do PMDB que já se sentem liberados diante da fragilidade da campanha de Ulysses. Quércia corre para barrar o

avanço dos “tucanos” em São Paulo, com o olho mais voltado para a eleição do ano que vem do que para o pleito presidencial. Se Covas não figurar no segundo turno, é um problema a menos para Orestes Quércia.

Os “tucanos” temem, no entanto, uma erosão de apoios à esquerda. O PT está avançando rapidamente sobre as bases do PSDB em São Paulo. Não chega a ser uma ameaça, mas as negociações serão bem mais fáceis para o segundo turno se Lula ou Covas chegarem lá. “Nenhuma direção política vai segurar as bases”, comenta o secretário-geral do PT, deputado José Dirceu. Ele dá como exemplo a migração das bases peemedebistas de Pernambuco na direção de Lula — e com o

Nos bastidores da
sucessão, partidos
negociam alianças
para a etapa final.
Nesse jogo, até a
eleição de 1990
aparece como
objeto de barganha

apoio do governador Miguel Arraes. Este fenômeno da campanha, segundo José Dirceu, foi muito importante para a consolidação do PT no Nordeste, uma região onde o partido de Lula sempre enfrentou dificuldades. “A adesão das bases de Arraes a Lula teve uma repercussão enorme em todo o Nordeste”, observa o dirigente petista.

A grande dificuldade do PT agora é conversar com Leonel Brizola. Nos últimos dias o candidato do PDT voltou a disparar sua metralhadora giratória na direção do partido de Lula e chegou a propor a renúncia do candidato do PT já antes do primeiro turno, com base em um “profundo exame de consciência”. Os petistas, no entanto, acreditam que Brizola mudará de comportamento se ele ou Lula forem para o segundo turno contra um candidato da direita. Independente disso, “o PT não vai mudar sua política, que é a de tentar ganhar as bases dos outros partidos”, diz o deputado José Dirceu.

A coordenação política do PT vai discutir, a partir de hoje, as possíveis alianças para o segundo turno, no pressuposto de que Lula já tem lugar garantido na cédula depois do dia 15. Na verdade, essa discussão teve uma preliminar ontem no Rio, quando Lula se reuniu com dirigentes do partido destacados para a missão de negociar com os demais partidos e candidatos. Entre esses dirigentes petistas estão os deputados Luís Gushiken, presidente nacional do partido, e Plínio de Arruda Sampaio, líder na Câmara. Pelo menos com os comunistas de Roberto Freire essas conversações já foram iniciadas.